Intersubjetividade: pré-requisito para a dinâmica comunicacional*

Andréa Thimóteo Costa Cavalheiro**
Thaís Cristina de Assis***

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar aspectos da intersubjetividade nos primeiros meses de vida do bebê e analisar como se dá esse processo nas interações discursivas entre o bebê e o outro/cuidador, bem como na realização de ações decorrentes de atos comunicacionais entre a criança e seus cuidadores. A interação prazerosa observada já desde o nascimento fornece pistas sobre como o cérebro humano irá orquestrar funções para mover o corpo com eficiência. O fenômeno/processo "intersubjetividade", observado a partir da experienciação do bebê, depende de outros processos cognitivos para seu desenvolvimento. A empatia do outro adulto, direcionada à criança, é fundamental para que esses processos se realizem. O que se pretende apresentar no presente artigo são trechos que apresentem a construção do saber do bebê em relação ao mundo e ao objeto e seu compartilhamento com outro na interação, i.e. a intersubjetividade. A metodologia usada neste estudo foi i) revisão bibliográfica ii) análise da comunicação bebê-outro/cuidador.

Palavras-chave: intersubjetividade; interação primária; comunicação bebê-outro/cuidador.

* Este artigo foi elaborado a partir de motivações decorrentes das discussões e dos seminários realizados na disciplina Pragmática, enação, ação e atos de fala, ministrada pelo Professor Hugo Mari, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Doutoranda do programa de pós-graduação do departamento de Letras/ Mestre em Linguística e língua portuguesa. Psicopedagoga. Bolsista CNPq. Orcid: 0009-0004-6255-7514..

*** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG. Doutoranda do programa de pós-graduação do departamento de Letras/ Mestre em Linguística. Audiodescritora. Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0001-6090-0914.

Intersubjectivity: prerequisite for communication dynamics

Abstract

The objective of this article is to analyze aspects of intersubjectivity in the first months of a baby's life and to analyze how this process occurs in discursive interactions between the baby and the other/caregiver, as well as in the performance of actions resulting from communicational acts between the child and its caregivers. The pleasurable interaction observed since birth provides clues about how the human brain will orchestrate functions to move the body efficiently. The phenomenon/process of "intersubjectivity", observed from the baby's experience, depends on other cognitive processes for its development. The empathy of the other adult, directed at the child, is fundamental for these processes to take place. What we intend to present in this article are excerpts that present the construction of the baby's knowledge in relation to the world and the object and its sharing with another in the interaction, i.e. intersubjectivity. The methodology used in this study was i) bibliographic review ii) analysis of baby-other/caregiver communication.

Keywords: intersubjectivity; primary interaction; baby-other/caregiver communication.

Introdução

O surgimento da intersubjetividade no bebê ocorre muito cedo e parece depender de outros processos cognitivos, derivados das (inter)relações da criança com o outro (Golse, 2004). Durante o seu desenvolvimento, outras funções cognitivas são ativadas, interligando-se e fortalecendo esta capacidade de realizar trocas de experiências nas relações interpessoais, sendo uma condição irrefutável para sua emergência a presença de duas ou mais entidades (agentes), — o eu e o outro —, envolvidos numa interação face a face. Neste sentido, a bidirecionalidade é um marcador fundamental para a realização de ações entre os interlocutores, sendo a linguagem, reconhecida como um processo mediador para a ocorrência dessas ações, tanto na criança, quanto no outro interlocutor. Assim, uma ação sempre será orientada pela intencionalidade dos agentes na interação.

Mari (2015), ressalta que "as ações humanas são de natureza intersubjetivas e que a intersubjetividade não é dada", isto é, ela emerge através ações compartilhadas, um verdadeiro compartilhamento mútuo de experiências entre dois agentes ou mais.

Assim sendo, a comunicação mãe/outro-bebê- se estrutura através de processos comunicacionais relacionados aos afetos e às necessidades da criança — fome, frio, dor, aconchego, etc. Todavia, no decurso natural do desenvolvimento, o bebê, com sua capacidade de absorver de forma magnífica o conhecimento que lhe é ofertado pelas trocas com o outro, percebe e coloca em prática o aprendizado de cada interação com o seu interlocutor, o que torna possível afirmar que assim emerge uma intersubjetividade primária (Golse, 2015).

Pesquisas sobre o desenvolvimento da inteligência social em crianças nos seus anos iniciais têm explorado não somente experimentos ancorados na teoria da mente, mas, especificamente, a inteligência envolvida em interações de fala por turnos observados em diálogos do bebê com o outro/cuidador — definidos pelo ritmo das respostas-, sendo interpretado pelos pesquisadores como uma sintonia com a causalidade comunicacional (Cf. Trevarthen, 2010; Bruner, 1997; Costa, Parlato Oliveira, Mari, 2019). Todavia, as interações do bebê com o ambiente têm um papel fundamental no processo de "estabilizar gradualmente os primeiros momentos de

intersubjetividade", pois, a experiência do objeto externo está intimamente ligada à "capacidade do sujeito de perceber os vários canais sensoriais simultaneamente. Em outras palavras, nós expressamos as coisas em termos de mantelamento de sensações ou em termos de có-modalização perceptiva" (Golse, 2015, p. 255 *apud* Costa *et al, 2020*).

Metodologia

Foram utilizados filmes (vídeos)[1] — onde um bebê e seus cuidadores participaram de interações. Alguns trechos foram transcritos para que pudéssemos observar atos comunicacionais em que a intersubjetividade aparece juntamente a outros processos subjacentes.

Os diálogos destacados nesse trabalho têm o objetivo de ilustrar com maior clareza o conteúdo teórico apresentado, pois, um recorte isolado não é capaz de trazer à luz a integra da realidade da cena enunciativa e seu contexto. Neste sentido, os atos de fala explícitos observados no adulto "podem ser tomados numa perspectiva interacional, como realizações de episódios sociais, na medida em que tais atos tornam-se operativos ao conseguir a apreensão do outro" (Ferreira, 2004).

Tomamos como parâmetro para a transcrição de áudios em texto o método sugerido por Marcuschi (1986; 2006). A proposta do autor nos serviu de referência para a transcrição dos dados, com algumas adaptações que se fizeram necessárias dado o caráter dos sujeitos analisados. O autor esclarece que para análises que tenham como objetivo observar para além da conversação, i. e, outros elementos da comunicação como é o caso desse estudo, onde um dos sujeitos analisados é um bebê, somente a gravação feita por vídeo pode ser favorável à transcrição de diálogos.

1 Arquivo pessoal de uma das autoras (1).

A ciência cognitiva atualmente afirma que cognição não é um processo exclusivamente cerebral - determinada por parâmetros mentais, mas corporificada - na extensão de todos os sensores orgânicos, isto é, formam um sistema integrado onde o organismo atua no ambiente (De Jesus, 2018; Damásio, 2018; 2022; Mari *et al*, 2024).

Neste sentido, os organismos vivos são auto-reguladores e dentro de cada sistema existem outros sistemas que também se auto-regulam, isto é, o sistema regulador especializado se movimenta para que ocorra a reorganização daquele sistema que se desorganizou — esse processo de auto regulação ocorre em todos os organismos vivos e é conhecido como homeostase[2] ou o agrupamento de operações fundamentais no bojo da vida (C.f. Damásio, 2018).

Quando o bebê se comunica com a mãe/cuidador, seu organismo ativa diversos sistemas, que serão responsáveis por um determinado ato comunicacional, por exemplo, seus braços se movimentam, seu olhar se volta para a mãe e sua prosódia (na fase pré-verbal, a protoconversação) estarão em consonância com seu estado mental. Sistema perceptual e sistema háptico (percepção de tato, receptores de visão, receptores de audição e propriocepção) são acionados para que haja então a compreensão de determinado ato, neste sentido, podemos dizer que o organismo está agindo conforme as necessidades de adaptação ao ambiente.

> Alguns níveis diferentes de privações e as suas consequências para o organismo costumam ser compensados pela capacidade natural de auto-organização do próprio organismo. Há uma disputa constante entre as forças de equilíbrio e desequilíbrio que perpassam a forma de existir de um organismo; embora fragilizado em muitas circunstâncias, o organismo busca seu equilíbrio, uma forma de ser que assegure sua sobrevivência (Mari, 2017, p. 10).

2 Relacionado à homeostasia [do Gr. *hómoios*, semelhante + *stasis*, situação] (S. f.) 1. Propriedade auto-reguladora de um sistema ou organismo que lhe permite manter o seu estado de equilíbrio; Biol., tendência para a estabilidade no meio interno de um ser vivo. 2. É um conjunto de fenômenos que têm lugar e interferem nos ecossistemas, ou mesmo em certos organismos, corrige desvios, elimina excessos, controlando forças antagônicas, introduzindo por vezes fatores novos, procurando sempre manter o conjunto em equilíbrio e funcionamento correto e normal. Os mecanismos homeostáticos são "feedbacks" dos ecossistemas. 3. A homeostase é uma das características fundamentais dos seres vivos que permite a manutenção do ambiente interno dentro de limites toleráveis. Como base para a adaptação, os organismos mais evoluídos farão uso principalmente de dois recursos básicos: o sistema nervoso, atuando basicamente no controle, e o sistema endócrino, atuando principalmente na sinalização. Estes recursos permitirão que o organismo animal se adapte às novas condições determinadas pelo meio ambiente, sempre no sentido de manter constantes as suas condições internas permitindo ajustes no seu metabolismo e mantê-lo compatível com sua sobrevivência.

Assim sendo, o recorte a seguir traz dois exemplos de equilíbrio e/ou desequilíbrio produzidos em duas interações da mãe com um bebê de 6 meses e na sequência, apresentamos os possíveis resultados de uma interação em descompasso.

Quadro 1: interação mãe-bebê

Exemplo 1: interação positiva ((bebê chora)) Mãe: cadê::: o nené:::m da mamã:::e? Tá com fominha::? ((olha para o bebê, fala com uma prosódia melodiosa - o retira do carrinho, sorri para o bebê e o coloca para amamentar)) Bebê: ((olha para a mãe balbucia, mexe os braços e as pernas sincronicamente e para de chorar imediatamente ao ser colocado no seio da mãe)). **Exemplo 2**: interação negativa (bebê chora)) Mãe: neném, a mamãe tá cansada, não chora ((olha para o bebê, retira o bebê do carrinho e o coloca para amamentar)) Bebê: ((chora, movimenta braços e pernas em descompasso, demora algum tempo até se acalmar)).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A linguagem existe muito antes do surgimento da fala e é através do que é percebido pelo bebê que são construídos diferentes tipos de conexão entre mãe e bebê nos primeiros meses de vida. É um jogo de perceber e explorar, palavras, gestos, olhares, silêncios, e, sobretudo, o tom de voz da mãe, orientam as emoções da criança, que está descobrindo como interagir com o outro no seu novo contexto. Nesse sentido, na primeira interação, que chamamos de "positiva", ao contrário da segunda interação, temos uma mãe com seu foco no bebê, ela se entrega ao momento de cuidados com o bebê e o bebê, por sua vez, percebe todos os sinais que aquela mãe lhe direciona, sua voz quase cantada, seu olhar terno e sua expressão fácil suave. Assim, as percepções do bebê, em função dos gestos, olhares e expressões faciais da mãe, formam uma rede de significados complexa e interligada, na qual cada movimento e expressão contribui para a construção de um entendimento emocional e social compartilhado entre eles. Portanto, é por meio do controle consciente de seus próprios movimentos (controle primário), que, ao observar o corpo do outro, o bebê percebe que o outro também vivencia

suas próprias experiências, em um contexto de interação diádica (ou triádica) de atenção compartilhada.

A observação do choro, do olhar, das vocalizações produzidas pelos bebês, seus gestos e movimentos corporais, são formas de comunicação semiótica usadas pela mãe e/ou cuidadores, para inserir a criança nos "jogos de linguagem", por muito dos quais as crianças aprendem a língua (Costa *et al, 2020)*.

A partir das duas interações da mãe com o bebê, acima demonstradas, observa-se, a seguir, os aspectos afetivos gerados na interação:

Tabela 1: Afetos gerados pelos espaços comunicacionais construídos nas interações 1 e 2.

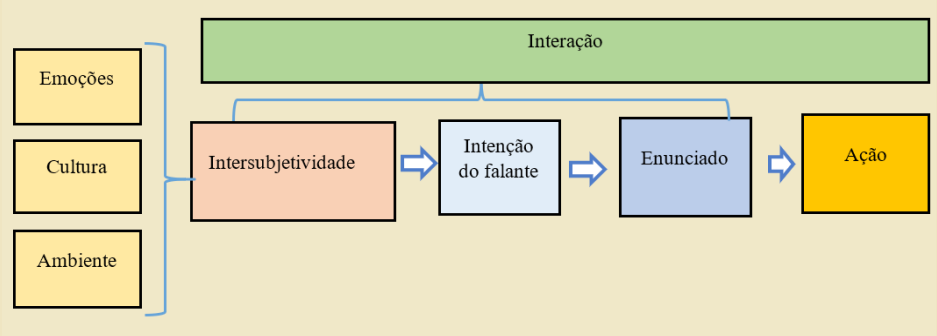
Produção verbal 1 (Elementos positivos)	Produção verbal 2 (Elementos negativos)	Afeto gerado
(+) (+) Cadê::: o nené:::m da mamã:::e tá com fominha::? ((troca de olhares; sorrisos, fala melodiosa; gestos do bebê parecem em harmonia com a fala da mãe))	-	(+) (+)
(+)	(-) (-) (-) Neném, mamãe tá cansada; não chora ((voz da mãe não apresenta aspecto melodioso; não observou-se uma troca de olhares duradoura, gestos do bebê em descompasso))	(-) (-) (-) (-)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na interação mãe-bebê o espaço comunicacional favorece que os processos cognitivos assumam valência semelhante, (+) + (+) = afetos positivos e (+) + (-) = afetos negativos, como angustia, medo, raiva, decorrentes de uma interação negativa onde as narrativas assumem um lugar de rejeição , interferindo na construção de afetos positivos.

O esquema a seguir ilustra alguns processos — e suas variáveis — que determinam a realização de uma ação humana.

Figura 1 – Processos que antecedem a realização a realização da ação.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A teoria dos Atos de fala, elaborada por John L. Austin (1911; 1960) e expandida posteriormente por J. R. Searle (1983; 2002), parte do pressuposto de que o uso das palavras em diferentes situações de interações linguísticas determina seu sentido. Austin consagrou seu estudo com uma sistematização de certas expressões que justificam uma ação ao serem proferidas. Sua teoria parte do principio de que ao realizar um enunciado, o falante pode realizar um ou vários atos, isto é, ao dizer algo, estará se fazendo algo. O que torna a teoria proposta por Austin, um método de análise, em que, segundo o filósofo, o contexto em que certas palavras são ditas é fundamental para a realização de um ato, a palavra passa a representar muito mais o universo concreto nas interações discursivas. Austin lança mão de exemplos que descrevem como proferir determinada sentença:

> [...] nas condições apropriadas [...], não é descrever o ato que estaria praticando ao dizer o que disse, nem declarar que estou praticando: é fazê-lo [...]. Batizar é dizer [...] as palavras "batizo, etc." Quando digo, diante de um juiz ou no altar, etc. "aceito", não estou relatando um casamento, estou me casando. (Austin, 1990, p. 25).

Austin denominou sentenças, como as citadas acima, de atos performativos, que faz da sentença um fazer algo, quando se diz algo.

Assim, pode-se afirmar, baseando-nos nos estudos de Austin (1990), que determinados proferimentos só têm valor real se forem seguidos de uma ação.

Em outras palavras, Austin (1990), discorda da compreensão de que a linguagem é significativa apenas por representar algo que está fora da própria linguagem, limitando a linguagem à uma função de referência. Suas ideias refletem o entendimento de significação como ação de linguagem, pois, ainda segundo o autor, falar significa mais do que o significado referencial daquilo que se profere: realiza-se uma ação, marcando assim, a linguagem como mediadora das ações que realizamos no mundo.

Neste sentido, as ações realizadas pelos bebês, são favorecidas pelas trocas e compartilhamentos de experiências com seus cuidadores. Num recorte de uma interação adulto/cuidador-bebê, um bebê de 18 meses é provocado a fazer algo e observa-se uma série de eventos sequenciais que resultam em ação. Vejamos:

Cena: adulto/cuidador e bebê brincam no parquinho e conversam ((confabulam)) Em um dado momento, o adulto sugere que a criança alimente o jacaré ((brinquedo que o bebê segura)).
Adulto e bebê começam um jogo de faz-de-conta e a criança age conforme a conversa evolui.

Quadro 2: interação bebê-adulto/cuidador

Adulto: *Você vai dar comidinha para o jacaré? Ele está com fome* ((Olha para o bebê, olha para o brinquedo e de novo para o bebê))

Bebê: Caré ((Olha para o brinquedo, olha para o adulto, coloca uma uva passa na boca do brinquedo))

Adulto: *É? O jacaré está com fome? Abre a boca, jacaré, pra você papá ((direciona o alimento em direção à boca do brinquedo))*

Bebê: caré, boca ((coloca outra vez a uva passa na boca do brinquedo))

Adulto: *Hu::::m, tá gosto:::so, jacaré? Quer dividir comigo::? Você me dá uma ((passa)), jacaré::?*

Bebê: sorri, olha para o adulto e lhe oferece uma uva passa.

Fonte: trecho da transcrição de um vídeo de uma interação entre adulto/cuidador e criança[3].

3 Dados extraídos de arquivo pessoal da autora (1).

Neste pequeno recorte de interação bebê-Outro/adulto podemos observar a relação intersubjetiva na interação com o bebê, ele não está se valendo da *mimesis,* mas se apropriando do conhecimento do outro, desenvolvendo assim suas próprias percepções sobre as ações que realiza no mundo. Empatia, reciprocidade e um jogo de faz-de-conta que o insere no diálogo com o outro, uma troca positiva que direciona o bebê para a internalização do "eu".

Podemos observar, ainda, na interação acima descrita uma demonstração intencional consciente, uma consciência pré-reflexiva — evidentes a partir da sétima semana de gestação — (Delafield-Butt e Gangopadhyay, 2013 *apud* Delafield-Butt e Trevarthen, 2014, p. 5) que pode ser observada no quadro 1 em uma sequência de atos, a saber: a) a criança significa o objeto ((Caré)); b) direciona o olhar para o objeto; c) age sobre o objeto ((abre a boca do brinquedo e introduz o alimento)) d)) oferece o alimento para o outro/cuidador.

Quando a criança oferece o alimento, primeiro para o brinquedo e posteriormente para o adulto, fica evidente que o compartilhamento impulsionou outros processos, como, por exemplo, a empatia. Sobre esse compartilhamento, Zlatev diz que ele:

> Tal "compartilhamento" pode assumir diferentes formas, algumas mais imediatas, enquanto outras mais mediadas por processos cognitivos superiores, por exemplo, o que Barresi e Moore chamam de "compreensão" em oposição a simplesmente "compartilhamento". (2008, p. 215)[4].

Assim, entende-se a intersubjetividade como um processo contínuo que emerge na criança, de maneira gradual e crescente, a depender da qualidade das interações da criança com o outro. Vejamos o que se diz sobre as condições para o desenvolvimento da intersubjetividade:

> [...] a experiência primordial de semelhança com o outro é uma pré-condição para o desenvolvimento da intersubjetividade. Episódios repetidos de envolvimento mútuo, nos primeiros meses de vida promovem o reconhecimento implícito de semelhança entre o eu e o outro (Brinck, 2008[5], p.117 apud Costa et al, 2020).

4 [...]. *Such "sharing" can take different forms, some more immediate, while others more mediated by higher cognitive processes, e.g. what Barresi and Moore (this volume) call "understanding" as opposed to simply "sharing".*

5 *The newborn infant's primordial experience of similarity with the other is a precondition for developing intersubjectivity. Repeated episodes of mutual engagement during the first moths in life further promote the implicit recognition of similarity between self and other* (Brinck, 2008).

Com isso, o que se percebe é que a intersubjetividade pressupõe uma ação intencional[6] dos sujeitos, e isso compreendido — o que não significa que se possa explicar a intersubjetividade por apenas uma dimensão —, observa-se é que esse processo é bem mais amplo, isto é, a interação da criança com o outro, esse compartilhamento de vivências está conectada com a dimensão afetiva da interação, é onde emergem outros processos cognitivos. Vejamos como processos cognitivos são regulados por processos de significação:

> Apesar de toda essa instabilidade que marca nossa existência, que se expressa nessa equação contínua entre (querer, (poder ((fazer))), a contínua busca pelos significados representa a forma primordial de manutenção do organismo, impelindo-nos a atribuir às coisas valores que asseguram a recomposição contínua dessa ordem (Mari, 2024, p.77-78).

A própria mimese corporal seria, então, base para o surgimento da intersubjetividade na criança e implicaria no esquema e imagem corporal, que interagem entre si, i.e, o processo tem inicio a partir do momento em que o bebê começa a ter controle "consciente[7]" do próprio corpo e vê o movimento no corporal do outro uma ressonância dos seus próprios movimentos.

Considerações finais

Uma sequência de mecanismos cognitivos orienta as ações humanas e, dentre eles, destaca-se, a intersubjetividade. Processo necessário para que o indivíduo possa desempenhar ações no mundo.

Este estudo defendeu a importância da intersubjetividade no seu estágio primário do desenvolvimento infantil, os primeiros meses de vida do bebê, tornando-se um pré-requisito fundamental para a aquisição de outros processos cognitivos, emocionais e sociais.

6 Ingar Brinck (2008), ao citar as ações não verbais, mas intencionais, denomina a comunicação intencional como aquela pode ser definida como a interação social não verbal, espontânea e propositalmente produzida entre (tipicamente) dois agentes em relação ao objeto distal (o objeto como ele existe no mundo) no espaço comum (2008).

7 Fenômenos como contato visual; sorrisos direcionados; vocalizações; são percebidos no bebê durante a interação mais nitidamente a partir dos seis meses de vida, e sugerem a consciência de si como objeto de atenção do outro (Reddy, apud Zlatev, 2003).

Referências

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer; palavras e ação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

COSTA, Andréa Thimóteo da; PARLATO-OLIVEIRA, Erika; MARI, Hugo. *O surgimento da intersubjetividade: a observação de um bebê na interação com o outro.* II Seminário de Pesquisa discente do Programa de Pós Graduação-Letras, PUC/MG- Área de pesquisa: VI -Linguística da enunciação – 2019.

COSTA, A.T.; RAHME, I. M. P.; VIEIRA, R. M. C.; PARLATO-OLIVEIRA, E.; MARI, H. A fala materna dirigida ao bebê no processo de análise bebês e seus pais.. São Paulo: Instituto Langage, 2020 (Artigo).

DALEFIELD-BUTT, Jonathan, T.; TREVARTHEN, Colwyn; *The ontogenesis of narrative: from moving to meaning.* National Library of Medicine. Published online 2015 doi: 10.3389/fpsyg.2015.01157 Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4557105/ acesso em 07/2024.

DAMÁSIO, Antônio. *A estranha ordem das coisas.* Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAMÁSIO, Antônio. *Sentir e saber: as origens da consciência.* Tradução de Laura Teixeira Motta**.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Título original: *Feeling & knowing: making minds conscious*. Ebook ISBN 9781524747565.

DE JESUS, P. *Thinking through enactive agency: sense-making, bio-semiosis and the ontologies of organismic worlds.* Phenomenal Cognition Science. 17, 2018 p. 861–887.

ELAN (Versão 6.0) [Computer software]. (2020). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retirado de: https://archive.mpi.nl/tla/elan Acesso em: junho/2024.

FERREIRA, Severina Sílvia Maria Oliveira. *João uma criança com olhar de estrela. O Autismo: um estudo de caso.* Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, CAG. Linguística, 2004.

GOLSE, B. *Intersubjetividade, intersensorialidade e intrassensorialidade.* Traduzido por Rubia Infanti. In: KUPFER, M. C.; SZEJER, M. (orgs.). Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês: novas pesquisas, saberes e intervenções. 1ª ed. – São Paulo: Instituto Langage, 2015.

GOLSE, Bernard; DESJARDINS, Valérie. *Corpo, formas, movimentos e ritmo como precursores da emergência da intersubjetividade e da palavra no bebê – Uma reflexão sobre os inícios da linguagem verbal.* Tradução de Regina Orth de Aragão. Revista Latinoamericana de Psicopatologia fundamental. Ano VIII, n. 1, mar/2005 p.14-29.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação.* 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MARI, H. *Atos de fala: notas sobre origens, fundamentos e estrutura.* MARI, H. et al. (org.). *Análise do discurso*: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001, p. 93-132.

MARI, H. *Intersubjetividade: dilema e desafios.* In: Antônio Luiz Assunção, Nádia Dolores Fernandes Biavati, Natália Elvira Sperandio. (org.). Interfaces do Linguístico: enunciação e práticas discursivas. 1ed.Campinas-SP: Pontes Editores, 2017, v. 1, p. 31-64.

MARI, Hugo. *Sistemas perceptivos: alguns processos intervenientes.* Scripta, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 7-20, 1º sem. 2017.

MARI, Hugo; CAVALHEIRO, José Carlos; NASCIMENTO, Milton; *Sobre cognição: corporificação, produção de sentido e auto-organização. in:* MARI, Hugo; CAVALHEIRO, José Carlos; NASCIMENTO, Milton; (orgs). *Linguagem e cognição: do pensamento à ação.* Belo Horizonte**:** Editora Artesã, 2024. P. 7-30.

PIAGET, Jean. *A representação do mundo na criança.* Tradução: Adail Ubirajara Sobral (colaboração de Maria Stela Gonçalves). Aparecida, SP:

Ideias & Letras, 2005. Titulo original: La représentation du monde chez l'efant. ISBN: 978-85—98239-44-5.

SEARLE, J. R. *Basic structure of intentionality, action and meaning. In: Rationality in Action.* Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001, p. 33-61.

SLATEV, Jordan. *The co-evolution of intersubjectivity and bodily mimesis.* In: The shared mind: perspectives on intersubjectivity. Edited by Jordan Slatev, Timothy P. Racine, Chris Sinha and Esa Itkonen. ISSN 1566-7774; v12.Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. 2008. p.215-244.

STERN D., SPIKER, N. & MACKAIN, K. *Intonation contours as signals in maternal speech to prelinguistic infants.* Developmental Psychology. 1982. p.8;727-735.

STERN, D. *The interpersonal world of the infant. A view from psychoanalysis and developmental psychology.* New York: Basic Books, 1985.

STERN, Daniel. *O mundo interpessoal do bebê.* Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médica, 1992. 266 p.

TREVARTHEN, C. *Embodied human intersubjectivity: imaginative agency, to share meaning. In:* The intersubjectivity pf embodiment. Journal Cognitive Semiotics. Vol. 4. nº 1. 2010. p.6-56. ISBN: 978-87-995235-0-4.

TREVARTHEN, C. *Embodied human intersubjectivity: imaginative agency, to share meaning.* In: The intersubjectivity pf embodiment. Journal Cognitive Semiotics. Vol. 4. nº 1. 2010. p.6-56. ISBN: 978-87-995235-0-4.